

Redução do sufoco

O governo começa, enfim, a afrouxar as amarras da economia. Ainda que em ritmo lento e gradual, atenua a política de juros e sinaliza com a reabertura do crédito. As queixas continuam e a impaciência dos agentes econômicos é compreensível, mas tudo indica que o pior já está passando.

O governo vive os dilemas inerentes a um país há três décadas mergulhado em inflação. Não dispõe de instrumentos de precisão para graduar o processo econômico. A administração da economia, em grande parte, acontece na base da tentativa e erro. A redução dos controles é, por isso mesmo, cautelosa, quase medrosa, dando muitas vezes a impressão de que é excessivamente lenta.

A filosofia é: melhor pecar pelo excesso de contenção, que pode ser posteriormente corrigido, que pela escassez, que pode comprometer o Plano Real. A estabilidade da economia depende da capacidade de seus gestores de se equilibrar no fio da navalha. A tanto equivale dosar a gerência do processo.

Nos países em que não há a tragédia inflacionária, o quadro é menos complexo. Dispõe-se de sensores mais finos para aferir a condução da economia e estabelecer, com margem inímina de desacerto, a incisão que se deseja. Nos países de cultura inflacionária, o instrumental é grosseiro e a margem de acerto é sempre menor. Daí o fiasco de sucessivos planos de estabilização.

Eles vivem habitualmente o seguinte paradoxo: quando triunfam — isto é, conseguem controlar a inflação —, estimulam o consumo. Este, porém, ultrapassado determinado limite, compromete a estabilização. Cabe, então, ao governo estabelecer mecanismos de contenção, tais como aperto do crédito e alta de juros. Mas, se não o fizer na dose certa, gera a recessão e, com ela, o desemprego, a crise social e, por extensão, ameaça o próprio plano.

É essa a realidade com que se defrontam os gestores do Plano Real. São responsáveis pelo mais bem-sucedido plano de estabilização da história contemporânea do país, mas sabem que ainda há desafios de peso a enfrentar. O primeiro deles foi exatamente o de conter o entusiasmo consumista, sem permitir que derivasse para o ceticismo e o desencanto.

Há ganhos a considerar. O governo conseguiu conter o excesso de demanda e as reservas cambiais voltaram ao nível anterior a dezembro. As relações entre o dólar e o real, ainda artificiais, gradualmente se ajustam. A queda dos juros internos e a reabertura do crédito acontecem de maneira segura, o que também faz crer que não sofrerão retrocessos.

É essencial, para a consolidação desse processo, que as reformas em curso no Congresso e as privatizações não sejam interrompidas. Daí a importância de melhor entrosamento entre a área econômica do governo e sua base política.